



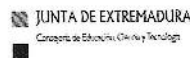
# V MESA REDONDA INTERNACIONAL SOBRE LVSITANIA ROMANA: LAS COMUNICACIONES

Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras  
7, 8 y 9 de noviembre de 2002

Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds)



Edição do Ministério da Cultura.  
Madrid, 2004.  
ISBN: 84-369-3836-4



## DISCURSO DE CLAUSURA: SOBREVOANDO A LUSITÂNIA...

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
*Universidade de Coimbra*

### RÉSUMÉ

Discours de clôture où, partant du fait que Cáceres se trouve sous un croisement de routes aériennes – et le thème de cette table-ronde étaient les communications... – l'auteur fait un 'vol' sur ce qui ont été les thèmes des tables-rondes précédentes, y ajoutant des nouveautés parues, d'après les recherches faites sur la Lusitanie, à propos de chacun d'eux: les villes; les campagnes; l'économie et le(s) territoire(s); la société et la culture.

Mais le 'voyage' n'est pas terminé: chemin fait, on s'est aperçu qu'il y avaient partout des renseignements, au minimum curieux, issus des livres d'antiquités, des images romantiques comme celle qui est le symbol de cette rencontre. Finalement, la Lusitanie est étudiée depuis longtemps!... Et si – à la prochaine table-ronde – on se penchait surtout sur ces livres anciens, sur les **mythes lusitaniens**?...

### SOBREVOANDO A LUSITÂNIA...

... vindo de Lisboa, passa-se por Cáceres já a grande altitude, de modo que nada se distingue.

Quando, em Dezembro de 1988, Jean-Gérard Gorges meteu ombros à iniciativa de fazer uma mesa-redonda sobre a Lusitânia, não saberia exactamente que caminhos se iriam percorrer. Na verdade, porém, longa caminhada se fez!...

Começámos pelas cidades. Criara-se recentemente a Maison des Pays Ibériques, a equipa luso-francesa ainda vivia as descobertas de Conímbriga, o CNRS apoiou a publicação das actas em 1990.

Entretanto, apareciam em letra de forma os primeiros resultados sobre a campanha de S. Cucufate, uma *villa* cuja escavação sistemática ora se fazia pela primeira vez e que, por isso mesmo, acabou por revolucionar os conhecimentos que se tinham da ocupação do solo e da propriedade ao tempo dos Romanos, mormente no *conventus Pacensis*, onde a tónica do *latifundium* sempre fora dominante. Numa colaboração estreita entre a Casa de Velázquez, para cujo seio Jean-Gérard Gorges entretanto migrara, e a Universidade de Salamanca, nesta cidade hospitaleira nos reunimos em Janeiro de 1993, seduzidos pelo tema dos campos. As actas viriam a ser publicadas com presteza, em 1994, na parte de História Antiga (vol. X-XI) da revista *Studia Historica* da universidade salamanquina.

Será ainda a Casa de Velázquez o motor do terceiro encontro, albergando, em Dezembro de 1997, os participantes na mesa-redonda sobre economia e território, numa época em que a problemática da União Europeia, por um lado, o político, e o «terceiro itinerário» da Missão Arqueológica Francesa no estuário do Sado, por outro, relançavam as discussões nesses planos: o dos territórios e o da economia.

Começaram a sentir-se, porém, os efeitos da chamada «globalização»; as autonomias políticas assentaram em critérios culturais para ganharem espaço de identidade e daí que o tema que nos reuniu em Mérida, em 2000, tenha sido a sociedade e a cultura. Em tempo recorde, as actas foram apresentadas a 23 de Janeiro de 2001, numa edição que teve assinatura da responsabilidade de Jean-Gérard Gorges e Trinidad Nogales.

E volvemos a encontrar-nos agora, aqui, em Cáceres, para um tema, também ele prenhe de actualidade: as comunicações. Temos as auto-estradas concretas; temos as auto-estradas virtuais, da informação via internet; as fronteiras administrativas caíram e a mesma moeda circula, tendo também ela a sua função de comunicação: os euros portugueses com os símbolos da nossa identidade própria desde o século XII (as moedas de Afonso I, «o conquistador»), os Espanhóis com a efígie do rei, garante da unidade face às autonomias... Finalmente, comunicação cada vez mais íntima entre um hipotético lado de cá e o lado de lá – nesse aspecto (permita-se-me), a intervenção de David Hourcade foi significativa: ele, francês, antigo membro da Casa de Velázquez utilizou elementos fornecidos por investigadores portugueses. Portanto, espanhóis, portugueses e franceses... que mui cordialmente acolhemos do Canadá (curiosamente, dos dois Canadás) os amigos de longa data também: Leonard Curchin e Jonathan Edmondson.

Desde então, Jean-Gérard, quanto caminho se fez!

*Caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar.*

– proclamava António Machado.

Inclusive, publicaram-se quatro grandes sínteses: o *Roman Portugal*, de Jorge Alarcão; e três histórias de Portugal – em que o domínio romano foi bem explorado pelos mais variados investigadores.

Apetece, pois, olhar para trás e mirarmos nossas pegadas:

*Caminante, son tus huellas  
El camino, y nada más.*

Uma retrospectiva que, decerto, se impõe:

1. surgiram novos conhecimentos;
2. aplicaram-se novas metodologias nas escavações e na análise das fontes, designadamente as epigráficas;
3. novos esquemas mentais se adoptaram: da escola alemã (em que a terminologia se pautava por «colonizadores», «colonizados», «organização», «instituições», «César»...) passámos aos paradigmas dos *Annales* («ça va comme ça, n'est-ce pas, la longue allure! »...) e, agora, a globalização determinou atenção maior aos localismos, por um lado, e, por outro, à maior interpenetração e colaboração.

Retrospectiva que seria, porém, trabalho ingente. Algo se poderá tentar.

*Les villes* – as cidades de Sul para Norte no Portugal romano:

Bem no Sul, a obra *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar* (IPPAR, Lisboa, 1997) trouxe-nos a síntese de tudo o que se sabia sobre o Algarve romano. Prepara-se, agora, uma exposição sobre *Balsa*, a inaugurar em 2003, no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

*Myrtilis* – o seu Campo Arqueológico, sob a batuta de Cláudio Torres e a colaboração solícita de Santiago Macias é, hoje, uma referência histórico-cultural e museológica.

De *Pax Iulia* já se falou, do seu urbanismo e da sua população. A dissertação de doutoramento de Maria da Conceição Lopes, *A Cidade Romana de Beja – Percursos e debates acerca da “civitas” de PAX IVLIA*, a publicar, dentro em breve, pelo Instituto de Arqueologia de Coimbra, veio apresentar o ponto da situação, ele próprio, obviamente, ponto de partida para novos debates, como o próprio título deixa transparecer.

*Mirobriga* (Santiago do Cacém) tem roteiro das ruínas publicado pelo Instituto Português do Património Cultural (Lisboa, 1990), da autoria de Susana Correia; novas reflexões aí foram levadas a cabo por Filomena Barata, arqueóloga responsável pelo sítio<sup>1</sup>, e temos o novo Centro Interpretativo.

*Salacia*, por seu turno, acaba de ser contemplada com a monografia *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*, que ficamos a dever à tenacidade de João Carlos Lázaro Faria (Lisboa, 2002).

<sup>1</sup> Cf. BARATA (Filomena), «O hipódromo ou circo de Miróbriga», *El Circo en Hispania Romana*, Madrid, 2001, p. 117-124.

De *Ebora Liberalitas Iulia* sabe-se hoje muito mais, nomeadamente no que concerne ao seu complexo monumental, graças aos trabalhos de Theodor Hauschild, do Instituto Arqueológico Alemão, bem secundado, no plano da autarquia, pelo arqueólogo municipal Panyiotis Sarantopoulos, que, em Novembro de 1998, defendeu tese de mestrado (inédita) intitulada *O Templo e as Termas: dois Edifícios Públicos de Évora Romana – Contributos para uma Recuperação e Valorização Integrada*.

*Olisipo Felicitas Iulia* mereceu uma exposição no Museu Nacional de Arqueologia, com catálogo de síntese bem elaborado (*Lisboa Subterrânea*), no ano em que a capital portuguesa foi Capital Europeia da Cultura (1994). Os problemas aí debatidos e os que foram deixados em aberto seriam, depois, ainda mais escalpelizados no volume 3 (Julho 1994) da revista *Al-madan*. Em Lisboa têm prosseguido escavações no teatro e, nomeadamente, por acompanhamento de obras, que deram a conhecer a estreita ligação da cidade com o Tejo (produção de *garum*, por exemplo) e a existência de um circo<sup>2</sup>.

*Ammaia*, sita em plena zona de contacto com o território de *Emerita Augusta*, no Nordeste alentejano, encontra-se, finalmente, em fase de escavação sistemática, com um projecto de investigação de que Vasco Mantas é um dos responsáveis. A sua continuidade permitirá, decerto, trazer conhecimentos mais aprofundados duma cidade que deteve, não há dúvida, importante papel, mormente do ponto de vista económico.

*Scallabis* – cuja localização no sítio da actual cidade de Santarém se considera definitiva – tem vindo a merecer por parte de Ana Arruda uma atenção especial, patente em exposição monográfica que o Museu Nacional de Arqueologia albergou no último semestre de 2002. Aí se identificou, por exemplo, no topo da colina, um templo, provavelmente dedicado ao culto imperial, datável dos primórdios da ocupação romana.

*Eburobrittium*, uma cidade sempre presente nos textos antigos mas que só a persistência de José Belcza Moreira logrou situar, perto da actual Óbidos, ao fundo de uma ampla entrada de mar (a Lagoa de Óbidos), arrisca-se a merecer doravante uma atenção maior<sup>3</sup>.

*Seilium* (Tomar) é domínio em que Salete da Ponte (do Instituto Politécnico de Tomar) muito tem dado a conhecer, enquanto que João Pedro Bernardes, da Universidade do Algarve, defendeu, em Junho de 2002, dissertação de doutoramento, em Coimbra, sobre a *civitas Colliponensis*, que aguarda publicação.

Apesar de a revisão do seu *corpus* de inscrições ainda aguardar publicação também, o certo é que os elementos disponíveis acerca da *civitas Igaeditanorum* têm servido para trabalhos escolares e outros, enquanto, do ponto de vista patrimonial, aí se realizam trabalhos diversos, sob a orientação do arqueólogo Artur Côrte-Real.

<sup>2</sup> Cf. VALE (Ana Pereira do), «O circo de *Olisipo*», *El Circo en Hispania Romana*, Madrid, 2001, p. 125-140.

*Conimbriga* teve, em 1999, um livro que a fez ‘ressuscitar’ como cidade para o grande público<sup>4</sup>; e *Aeminium*, depois da atenção particular que mereceu o seu fórum<sup>5</sup>, trouxe-nos surpresas na escavação levada a efeito, sob a direcção de Helena Catarino, no pátio da Universidade, ou seja, no cimo duma das mais importantes colinas em que a cidade assenta<sup>6</sup>.

De Viseu, cujo antecedente urbano romano ainda se não identificou, para além da tese de João Luís da Inês Vaz<sup>7</sup> há reflexões dispersas, por exemplo de Vasco Mantas em relação à chamada «cava de Viriato», tida como acampamento romano, que o não será<sup>8</sup>.

E se em Cárquere (concelho de Resende) e em Vila Nova de Foz Côa deverão ter predominado os Romanos do *negotium*<sup>9</sup>, o certo é que ainda muito pouco se sabe sobre o eventual tecido urbano dessa zona noroeste da Lusitânia, para norte de Viseu e da *civitas Igaeditanorum*.

É que, aí, entramos em pleno campo – o tema da II mesa-redonda. Almofala seria o centro da *civitas Cobelcorum*<sup>10</sup>, a enigmática ‘torre’ de Centum Celas faria parte do complexo arquitectónico de uma *villa* em que à agricultura se juntaria, como actividade importante, a superintendência na exploração mineira da região<sup>11</sup>.

Será, todavia, de modo especial na península de Lisboa, com Freiria<sup>12</sup>, e a sul do Tejo – com Quinta das Longas (de que também aqui se falou) e Torre de Pal-

<sup>3</sup> Por publicar está (para breve) a dissertação de mestrado do referido arqueólogo, defendida na Universidade de Coimbra, em Março de 2001, em que se dá conta dos trabalhos arqueológicos realizados; também uma comunicação (de colaboração comigo) sobre a notável epigrafia da cidade; e, num texto sob o título «Da imaginação e do rigor», a publicar nos próximos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (vol. 10, datado de 2001, em vias de publicação), saliento, a dado passo, a importância que os Eburobrigenses devem ter tido no início da chamada ‘romanização’.

<sup>4</sup> Refiro-me ao livro, de Jorge Alarcão, *Conimbriga – O Chão Escutado*, Lisboa, 1999, que acaba de ser galardoado com o Prémio Arqueologia da Fundação Calouste Gulbenkian. Vide recensão minha in *Almadan* 9 (Outubro 2000) p. 188-189.

<sup>5</sup> Cf. Pedro C. CARVALHO, *O Forum de Aeminium*, IPM, Lisboa, 1998.

<sup>6</sup> Cf., de Helena CATARINO e Sónia FILIPE, o texto «A História Tal Qual Se Faz» no Pátio da Universidade de Coimbra: Apresentação sumária dos vestígios de época romana» a publicar no volume *A História Tal Qual Se Faz* (Coimbra, Fevereiro de 2003).

<sup>7</sup> *A Civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*, Viseu, 1997.

<sup>8</sup> Cf., de Vasco Gil MANTAS, os comentários insertos no texto «Arqueologia e História Antiga: dos monumentos aos homens de ontem e de hoje», *As Oficinas da História*, Lisboa, 2002, p. 103-129 (sobretudo pp. 118-122).

<sup>9</sup> Cf., a título de exemplo, a nota que redigi, sob o título «Os Romanos do negócio» para o jornal *O Foz-coense* (15/06/1996).

<sup>10</sup> Cf. Helena FRADE, «Ara a Júpiter da *Civitas Cobelcorum*», *Ficheiro Epigráfico* 58 1998 n.º 266.

<sup>11</sup> Cf., também de Helena FRADE, a dissertação de mestrado, ainda inédita, *Centum Celas – Uma Villa Romana na Cova da Beira*, que defendeu na Universidade de Coimbra (Novembro 2002).

<sup>12</sup> Guilherme Cardoso acaba de defender, nesta Universidade da Extremadura, sob orientação de Enrico Cerrillo Martín de Cáceres, a sua «tesina», que teve precisamente como tema a ocupação romana na área ocidental do *ager Olisiponensis*.

ma, no Nordeste alentejano, ou Cerro da Vila e Milreu, no Sul algarvio – que a investigação arqueológica deu passos importantes, não esquecendo o papel relevante que, nesse aspecto, desempenhou a já referida experiência ímpar de S. Cucufate<sup>13</sup>.

No âmbito da economia e do território, muitas foram igualmente as novidades. Vasco Gil Mantas defendeu tese de doutoramento sobre a via que de *Olisipo* se dirigia a *Bracara Augusta*<sup>14</sup>, enquadrando-a no território e na economia, não esquecendo as vertentes política e administrativa. Maria da Conceição Lopes debruçar-se-á também sobre o território de *Pax Iulia*<sup>15</sup> e o colóquio *Saxa Scripta*, realizado em Viseu (Abril de 1997), abriu novas perspectivas no que concerne, por exemplo, à existência de epígrafes rupestres que serviam de delimitação entre os povos, nomeadamente na zona ocidental do *conventus Scallabitanus*<sup>16</sup>.

Seria longo em demasia referir tudo quanto, nos últimos anos, se fez a propósito, por exemplo, da trilogia vinho, azeite e *garum*, sobre que, inclusive, a Missão Arqueológica Francesa em Portugal dirigida por Robert Étienne, Françoise Mayet e Carlos Tavares da Silva pretende publicar livros separados<sup>17</sup>. Refira-se, porém, o importante papel que detiveram as Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado (Seixal, Dezembro de 1991) como ponto de partida para uma reflexão ainda mais aturada no que à produção anfórica diz respeito<sup>18</sup>, sendo que os trabalhos sobre a produção das margens do Sado<sup>19</sup> não mereceram total aplauso por parte dos investigadores portugueses<sup>20</sup>.

<sup>13</sup> Cf., entre outros trabalhos menores complementares, a monumental monografia que resume as campanhas aí sistematicamente levadas a efeito de 1979 a 1987: *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*, obra em dois volumes publicada em Paris (1990), sob a direcção de Jorge Alarcão, Robert Étienne e Françoise Mayet. Também este sítio – que já dispõe de Centro Interpretativo (tal como acontece igualmente com Milreu e Cerro da Vila) – foi alvo de um 'roteiro' devido à pena inspirada de Jorge de Alarcão, onde a mística das ruínas e da paisagem se casa harmoniosamente, em prosa poética, com a nudes dos dados científicos: *Roteiros da Arqueologia Portuguesa: 5 – S. Cucufate*, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 1998. Dele me fiz eco, por exemplo, no *Jornal da Costa do Sol* («Roteiros de Arqueologia promovem turismo», edição de 10.09.1998).

<sup>14</sup> Na Universidade de Coimbra, em Março de 1997, sob o título *A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica entre Lisboa e Braga* (por publicar).

<sup>15</sup> Como já se referiu, prestou provas de doutoramento em Coimbra (Dezembro de 2000), com uma dissertação intitulada *A Cidade Romana de Beja. Percursos e Debates acerca de Pax Iulia*, obra que será publicada no primeiro semestre de 2003.

<sup>16</sup> As actas foram publicadas só em 2001, numa edição do Governo Civil de Viseu, sob o título «*Saxa Scripta*» (*Actas do III Simpósio Ibero-Itálico de Epigrafia Rupestre*).

<sup>17</sup> O primeiro livro chama-se *Le Vin Hispanique* (Paris, de Boccard, 2000).

<sup>18</sup> As actas foram publicadas: *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*, Seixal/Lisboa, 1996.

<sup>19</sup> *Les Amphores du Sado. Prospection des fours et analyse du matériel* (1996) e *L'atelier d'Amphores de Pinheiro (Portugal)* (1998).

<sup>20</sup> Cf. Carlos FABIÃO, «Novidades sobre o Sado? Alguns comentários sobre um livro recente», *Vipasca* 6 1997:159-169.



Registe-se, ainda, como notável a exposição de 1997, no Museu Nacional de Arqueologia, que teve catálogo: *Portugal Romano – A Exploração dos Recursos Naturais* (Lisboa, 1997).

No âmbito da sociedade e da cultura, Luís Fernandes sublinhou o papel da mulher patente na epigrafia do *conventus Scallabitanus*<sup>21</sup>; depois do catálogo da escultura romana levado a feito por Vasco de Souza<sup>22</sup>, António J. Nunes Pinto estudou os bronzes figurativos<sup>23</sup>.

Os mosaicos, enquanto reflexo de cultura, foram alvo de diversos trabalhos por parte de Janine Lancha (que não deixará de os enumerar no texto da sua comunicação)<sup>24</sup>. Realce-se, contudo, pelo que ele simboliza de trabalho e dedicação, o volume *Conimbriga – Casa dos Repuxos*, do saudoso J. M. Bairrão Oleiro (Conimbriga, 1992), integrado no *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal*, um projecto a prosseguir e onde se integra a dissertação de Cristina Oliveira, apresentada, em 2001, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, intitulada *A Villa Romana de Rio Maior. Estudo de Mosaicos*.

Finalmente – *last but not the least* – a exposição patente, desde meados de 2002, no Museu Nacional de Arqueologia, sobre as religiões da Lusitânia, dá conta, no seu monumental catálogo<sup>25</sup>, de um grande percurso feito e assinala, simultaneamente, um outro ainda longo caminho a palmilhar.

Enfim, que perspectivas? Está tudo feito? Podemos... sentar-nos? Até já fizemos a musealização de tantos sítios!...

As descobertas de S. Miguel da Mota provam que não. Que tem razão o filósofo: «Só sei que nada sei!».

E há pontos em branco: a margem esquerda do Tejo, onde a investigação foi relançada; a ligação do Tejo e de *Olisipo* a *Eburobrittium* (e Guilherme Cardoso já demonstrou a riqueza insuspeitada que por aí se encontra<sup>26</sup>).

Estamos em Cáceres – a do cruzamento das rotas. A demonstrá-lo está o facto de, na edição de Novembro de 1992 de *Ronda Ibérica*, numa das páginas da extensa repor-

<sup>21</sup> «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugalia* 19-20 1998-1999 129-228.

<sup>22</sup> *Corpus Signorum Imperii Romani – Portugal*, Coimbra, 1990.

<sup>23</sup> *Bronzes Figurativos Romanos de Portugal*, Lisboa, 2002.

<sup>24</sup> Os trabalhos de restauro e consolidação levados a efeito, por exemplo, no Museu Nacional de Arqueologia, proporcionaram assaz interessantes exposições monográficas (e itinerantes) quer sobre os cavalos de Torre de Palma quer sobre o mosaico das Musas, de Santa Vitória do Ameixial. Realce-se que a repercussão desses eventos na opinião pública foi assaz relevante de tal modo que Janine Lancha escreveu, inclusive, um artigo para a revista da Tap-Air Portugal, *Atlantis*, intitulado «O Mosaico das Musas» (n.º de Novembro/Dezembro 2002, p. 74-80).

<sup>25</sup> Foi comissário da exposição José Cardim Ribeiro que procurou, através de convite aos mais conceituados especialistas neste domínio, fazer com que o catálogo fosse excelente ponto de chegada e mui aliciente ponto de partida: *Religiões da Lusitânia (Loquuntur Saxa)*, Lisboa, 2002 (578 páginas).

<sup>26</sup> Veja-se, a título de mero exemplo, o trabalho que ambos assinámos intitulado «Arruda dos Vinhos: a privileged root», *Pan-european Cultural Corridors: Itineraries on Ancient Trade Roots*, Valencia, 2000, p. 155-172.

ragem sobre Cáceres, haver a fotografia de um milíário romano a ocupar mais de um quarto dessa página, enquanto a imagem de uma tuna de estudantes ocupará menos de um oitavo. Duas outras imagens ora me ocorrem: a dos rebanhos que tosam pelos campos derredor da Faculdade e a do logotipo romântico da nossa mesa-redonda: por ordem d'el-rei Carlos IV, o Conde Alexandre de Laborde fez, nas suas *Voyages Pittoresques*, este magnífico desenho de Alconétar.

Por mera casualidade, chegou-me às mãos, outro dia, o livro de Luís Marinho de Azevedo que canta as maravilhas da cidade de Lisboa, fundada por Ulisses, e nos seus campos, aliás, pasciam sossegadamente – como aqui – os rebanhos de Gérion e aí Hércules os veio roubar. E outras mil maravilhas da mitologia greco-latina, afinal, se passavam nos arredores de Lisboa, em terras lusitanas, de acordo com as informações insuspeitas colhidas nos mais conceituados autores clássicos.

Exactamente, as éguas eram cobertas pelo Favónio. Éguas da Lusitânia, claro! E a Serra de Sintra tinha templo ao Sol e à Lua, tal como constava de inscrições concretas que desde há muito se conheciam. E entre as cidades importantes da época, logo entre os primeiros povos mais activos estavam os Eburobrigenses, de grande ligação com o mar.

Fui lendo, fascinado, essas histórias magníficas de lusitanos heróicos, de olisiponenses ilustres, de deuses que nos querem bem...

E lembrei-me que havia uma revista *Gerion*. E logo o primeiro artigo, assinado por Blázquez Martínez, trazia a história de Gerião, tal qual Luís Marinho de Azevedo, e a situava também algures na Península. E Luís García Moreno acabara de escrever uma colectânea *De Gerión a César*<sup>27</sup> – e Gérion existira, pois então, era um rei tartéssico!... E Joaquín Gómez-Pantoja coordenara um volume a que dera o título *Los Rebaños de Gerión*<sup>28</sup>.

Assustei-me. Quem era, afinal, este Luís Marinho de Azevedo?

Porque também Cardim Ribeiro<sup>29</sup> descobrira o local do santuário ao Sol e à Lua e contou de legados imperiais que lá acorrem em romagem a esse finisterra – «Senhor, eu quero ver o mar!»...

Porque também Beleza Moreira descobrira Eburobrício ao fundo de bem tranquila lagoa, a de Óbidos, como se disse, e aí havia porto e por aí escoariam os Romanos os seus produtos e se abasteceriam na navegação de cabotagem.

E olhei para as datas.

<sup>27</sup> Luís A. GARCÍA MORENO, *De Gerión a César (Estudios Históricos y Filológicos de la España Indígena y Romano-republicana)*, Universidad de Alcalá, 2001.

<sup>28</sup> *Los Rebaños de Gerión – Pastores y Trashumancia en Iberia Antigua y Medieval*, Casa de Velázquez, Madrid, 2001. (Actas reunidas y presentadas por Joaquín Gómez-Pantoja).

<sup>29</sup> José Cardim RIBEIRO, «Soli Aeterno Lunae. O santuário», *Religiões da Lusitânia (Loquantur Saxa)*, Lisboa, 2002, p. 235-239.

O livro começara a ser redigido antes de 1640. Incluía-se, portanto, naquele grupo de obras que, em Portugal, se fizeram para enaltecer a coragem dos Lusitanos, chefiados por Viriato<sup>30</sup> e por Sertório<sup>31</sup>, na luta intransigente pela sua independência – se, por acaso, Filipe IV se não decidisse mesmo a pôr a Corte em Lisboa, cidade a mais adequada de todas para ser a capital de um grande império...

Mas – espante-se! – a edição que eu tinha era de... 1809! Princípios do século XIX, Século das Luzes, neoclassicismo triunfante. Luís Marinho de Azevedo – Alexandre Deborde...

Em Mérida, se falou há dias de Viriato. Maurício Pastor Muñoz esteve lá. Afinal, quem é Viriato? **De quem é Viriato?**<sup>32</sup>

Entramos, pois, no reino dos mitos. A Lusitânia tem os seus. Ao longo de séculos e séculos, de acordo com a mentalidade da época.

José Luís Ramírez dizia, no primeiro dia da nossa mesa-redonda: «Sim, porque os habitantes dos arredores de Mérida também precisavam de ir à cidade para consultar o médico!». Quem se lembraria de um argumento destes há vinte anos atrás? Ir ao médico? Precisar de uma estrada para ir ao médico? Ia-se de burro, Pepi, que não precisa de estradas! Mas o argumento é – mesmo que inconsciente – deveras significativo. Que essa constitui, **hoje**, uma preocupação dominante.

Aqui fica, pois, a sugestão: *a Lusitânia e os seus mitos*. Para a VI mesa-redonda!

Temos escavado, há estátuas que surgem, *villae* que nos deslumbram, templos... Temos, sobretudo, escutado o chão. Tempo será, companheiros, de interrogarmos os livros!

<sup>30</sup> Cf., de Mauricio PASTOR MUÑOZ, *Viriato – La Lucha por la Libertad*, Madrid, 2000. Analisam-se os factos históricos; referem-se as suas repercussões; dissecam-se os seus simbolismos.

<sup>31</sup> Sobre os mitos que se geraram em torno de Sertório ainda muito se não escreveu (que eu saiba). Os trabalhos de Félix GARCÍA MORÁ, elaborados na sequência da sua dissertação de doutoramento, versam fundamentalmente os aspectos históricos desta figura de cidadão romano rebelde: cf. *Quinto Sertorio. Roma*, Universidad de Granada, 1991; e *Un Episodio de la Hispania Republicanana: La Guerra de Sertorio (Planteamientos Iniciales)*, Universidad de Granada, 1991. Foi, na verdade, André de Resende quem destacou e envolveu Sertório numa aura de misticismo heróico; cf., a este propósito, os meus *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1997, p. 29-56; a edição feita por R. M. Rosado FERNANDES d'As *Antiguidades da Lusitânia*, de André de Resende, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996; e o que escrevi em «André de Resende, epigrafista», *Cataldo & André de Resende – Congresso Internacional do Humanismo Português*, Lisboa, 2002, p. 305-310.

<sup>32</sup> Amílcar Guerra e Carlos Fabião têm-se também debruçado sobre este mito. Veja-se, a título de exemplo, «Viriato: genealogia de um mito», *Penélope* 8 1992 9-23; «Viriato: em torno da iconografia de um mito», *Actas dos IV Cursos Internacionais de Verão de Cascais (7 a 12 de Julho de 1997)*, Cascais, 1998, vol. 3, p. 33-79.